



RESENHA

O cérebro no mundo digital: os desafios da leitura na nossa era

 Simone Ota*



Fonte: Wolf, 2019.

[...] numa cultura digital, não deveria nos preocupar tanto se o computador será um dia igual a nós, e sim se nós seremos um dia iguais ao computador (Wolf, 2019, p. 98).

É dessa forma, com citações instigantes, que a neurocientista Maryanne Wolf (1947) inicia cada uma das nove cartas que compõem o livro “O cérebro no mundo digital: os desafios da leitura na nossa era”, publicado em 2019.

O gênero escolhido permitiu à autora conversar com o leitor ao longo das páginas; compartilhar quais foram as obras, os escritores e as personagens que

* Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, Brasil. E-mail: simoneota2007@gmail.com.

Autora para correspondência: Simone Ota. E-mail: simoneota2007@gmail.com.

marcaram a vida dela; dividir alguns momentos de leitura que teve com os filhos e até mesmo confessar (e alertar!) que, diante das atuais tecnologias, a própria Wolf já se deparou com preguiça de ler um material impresso, justamente ela que há mais de dez anos se dedica a estudar o que ela chama de “cérebro leitor”.

A autora utiliza uma linguagem simples, até mesmo quando explica, na Carta 2, os milhares de mecanismos e conexões que acontecem no cérebro quando lemos uma única palavra.

Apesar disso, não espere uma leitura de fruição: várias cartas são aterrorizantes, especialmente aquelas em que a autora projeta o futuro de nossos filhos, netos e dos atuais estudantes que praticamente só leem em telas e não estão desenvolvendo a habilidade de ler de forma aprofundada. Na Carta 9, por exemplo, a pesquisadora afirma que até a democracia está em risco diante da falta de bons leitores.

Para chegar a essas conclusões, Wolf, que tem outros dois livros e mais de 160 artigos científicos publicados, baseou-se em inúmeras pesquisas que são citadas ao final de cada carta (em média, 30 referências por carta).

Na Carta 1, intitulada “A leitura, o canário na mente” (referência ao pássaro que é colocado na mina de carvão para alertar os mineradores sobre a iminência de um perigo), a autora faz uma síntese das próximas cartas e explica que elas se dividem em dois grupos: (i) as que apresentam o que está acontecendo em nosso cérebro leitor hoje, após o advento da internet, das redes sociais, do computador e do smartphone, e (ii) as que tratam das consequências oriundas do desinteresse pela leitura impressa.

Em vários momentos, Maryanne Wolf, que também é diretora do Center for Dyslexia, Diverse Learners, and Social Justice na Universidade da Califórnia (UCLA), alterna seu papel, ora como professora, ora como pesquisadora. Na Carta 2, “Debaixo do grande chapéu: uma visão não usual do cérebro leitor”, por exemplo, é a versão da neurocientista que vem à tona. Além de explicar os percursos das conexões cerebrais durante o ato de ler, ela faz um alerta sobre as mudanças que vêm ocorrendo no cérebro leitor na era digital. Wolf lembra que, se por um lado, a plasticidade do cérebro nos permite formar circuitos tão sofisticados a ponto de aprendermos a ler (algo que não é natural do ser humano), por outro, dependendo dos fatores ambientais, esses circuitos podem ser simplificados e até encolher.

A Carta 3, “A leitura profunda... está em perigo?”, é uma das mais assustadoras. É também a mais longa. Pudera: por meio de vários exemplos, como dar um *tablet* para uma criança ficar quieta no restaurante ou deixar de ler para ela dormir, a autora afirma que nossas crianças e nossos jovens não estão tendo oportunidades de fazer uma leitura profunda. Segundo ela, as consequências disso não poderiam ser piores para o futuro da humanidade e do planeta: perda da capacidade de inferir, de ter empatia, de fazer análises críticas e de mobilizar *insights* – cada um desses é abordado em separado e com detalhes na carta.

“O que acontecerá com os leitores que fomos?” é o título da Carta 4. Nela, a autora faz uma autorreflexão, se, assim como boa parte dos leitores, não estava lendo cada vez mais rápido e somente as palavras-chaves. Admite também que, em determinado momento, sem que ela se desse conta, começou a ler para se manter informada, e não mais para ser arrebatada por um livro. É nesse momento que ela pede ao leitor que faça a seguinte reflexão: Por que lemos? A resposta que Wolf encontrou é, no mínimo, poética:

“Quando reencontrei meu antigo eu leitor, a resposta que me veio é esta: leio para encontrar uma razão nova para amar este mundo e também para deixar este mundo para trás – para entrar num espaço onde eu possa vislumbrar o que está além de minha imaginação,

além de meu conhecimento e de minha experiência da vida e, às vezes, onde eu possa, como o poeta Federico García Lorca, “ir muito longe, para me dar de volta minha antiga alma de criança” (p. 120).

A partir da Carta 5, Maryanne Wolf assume o papel de “paladina da leitura para as futuras crianças do mundo” e introduz o leitor na solução que ela chama de duplo letramento. Com o título “Criar filhos numa época digital”, a autora esclarece a relação que existe entre o ato de ler, a atenção e a memória (de acordo com Wolf, a atenção e a memória estão em declínio por causa da hiperatenção contínua e da constante estimulação sensorial externa). Na página 132, ela lembra que psiquiatras têm afirmado que o *boom* de crianças com déficit de atenção não só tem a ver com a melhora nos diagnósticos como também com as novas formas de déficit de atenção, inclusive as induzidas pelas distrações digitais.

A carta seguinte, intitulada “Do colo para os computadores de colo nos cinco primeiros anos. Não vá tão depressa”, é dedicada aos pais e aos professores de crianças de 2 a 5 anos. O ponto alto da Carta 6 é a lista das mudanças que ocorrem no cérebro a partir do contato com as histórias infantis.

“Quando você lê para elas [crianças], você as expõe a palavras que elas nunca ouvem em outros lugares, e a sentenças que ninguém usa ao redor delas. Não é simplesmente o vocabulário dos livros, é a gramática das histórias e livros, e o ritmo e aliteração de rimas, poemas humorísticos e letras de canções que não apareceriam de forma tão agradável em outra situação” (p. 153).

A proposta de Wolf para os adultos é que eles ajudem as crianças a conceberem as mídias digitais como parte do ambiente, assim como acontece com a televisão e o aparelho de som, e não como algo que ocupa quase 100% do tempo delas.

Na Carta 7, cujo título é “A ciência e a poesia no aprendizado (e no ensino) da leitura”, a autora avança na idade das crianças e se concentra nas do 4º ano do ensino fundamental. Wolf cita um estudo interessante, feito com estudantes norte-americanos, que identificou seis perfis de leitores. A partir deles, ela acredita ser possível entender as necessidades de leitura de cada grupo e qual é a melhor maneira de ensiná-los a ler. Na esteira, a autora discute alguns métodos de ensino da leitura e reforça a importância de investir em programas de formação de professores (segundo Wolf, nada menos que 82% dos professores norte-americanos da educação básica nunca receberam um treinamento de como extrair o melhor da tecnologia para seus alunos).

A penúltima carta, “Construindo um cérebro duplamente letrado”, traz uma proposta para crianças de 5 a 10 anos inspirada no aprendizado de crianças bilíngues. Basicamente, o aluno se tornaria proficiente no meio impresso e no digital (por isso, “duplamente letrado”) e entenderia que cada um deles tem características e utilidades diferentes e que, por isso, devem receber o mesmo destaque dentro da sala de aula. Na prática, Wolf propõe, por exemplo, que os alunos tenham acesso às histórias de crianças refugiadas e assistam à situação delas em abrigos provisórios.

Na Carta 9, “De volta ao livro”, Wolf reforça a importância da leitura profunda que, segundo a autora, “[...] sempre tem a ver com conexão: conectar aquilo que sabemos com aquilo que lemos, aquilo que lemos com aquilo que sentimos, aquilo que sentimos com aquilo que pensamos, e o modo como pensamos com o modo como vivemos nossas vidas, num mundo conectado” (p. 188).

Na sequência, ela identifica, na cadeia digital, uma ameaça à leitura profunda e, consequentemente, à capacidade de reflexão e de distinguir o falso do verdadeiro.

É por essas e outras que o livro de Maryanne Wolf é indicado para pais, professores, pesquisadores da leitura e cidadãos que estão preocupados com as futuras gerações. Para esses jovens, a autora propõe que sejam preparados, desde a educação infantil até o ensino médio, para que leiam em profundidade e bem em qualquer mídia. Dessa forma, vão adquirir não somente acuidade tecnológica como também conhecimento e capacidade de análise. Para os profissionais da saúde, a obra faz um alerta sobre as consequências que já estão ocorrendo no cérebro humano por causa do uso excessivo das telas, sejam de computadores, *smartphones* ou *tablets*, mas que, por ser um comportamento recente da humanidade, ainda passam despercebidas nos diagnósticos.

Referências

WOLF, M. **O cérebro no mundo digital**: os desafios da leitura na nossa era. Tradução: Rodolfo e Mayumi Ilari. São Paulo: Editora Contexto, 2019.

Fonte de financiamento

Financiamento próprio.

Contribuição dos autores

Simone Ota - elaboração do texto, revisão do conteúdo, aprovação da versão final do manuscrito e responsabilidade pública pelo conteúdo do artigo.

Conflito de interesses

A autora declara que não há conflito de interesses.

Responsabilidade editorial

Ramona Fernanda Ceriotti Toassi, Mariangela Kraemer Lenz Ziede
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Brasil

Recebido em: 27/06/2023

Aceito em: 19/01/2024

Publicado em: 30/01/2024